



---

## ENTRE O SER FINITO E O SER ETERNO: EDITH STEIN E AS NOÇÕES TOMASIANAS DE SER E ETERNIDADE

*Between finite and eternal being: Edith Stein and the thomasian notions  
of being and eternity*

Carlos Eduardo de Carvalho Vargas<sup>1</sup>

Clodoaldo da Luz<sup>2</sup>

**RESUMO:** Depois da sua passagem para a fé católica, Edith Stein reformulou suas concepções filosóficas apropriando-se do conceitual tomasiano. Neste artigo, abordaremos como ela abordou as questões acerca da eternidade do ser e da criação dos entes, comparando com a concepção original de Tomás de Aquino e mostrando como esse diálogo entre os pensamentos medievais e contemporâneos foi desenvolvido de uma maneira original na obra “*Ser finito e ser eterno: Ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ser; Ente; Eternidade; Edith Stein; Tomás de Aquino.

**ABSTRACT:** After her conversion to the Catholic faith, Edith Stein reformulated her philosophical conceptions, appropriating the thomasian conceptualization. In this paper, we will discuss how she approach the questions about the eternity of being and the creation of the entities, comparing it with the original conception of Thomas Aquinas and showing how this dialogue between medieval and contemporary thought was developed, in a original way, in the book “*Finite and eternal being: an attempt at an ascent to the meaning of being*”.

**KEYWORDS:** Being; Entity; Eternity; Edith Stein; Thomas Aquinas.

No seu itinerário de desenvolvimento intelectual, Edith Stein (1891-1942) passou das reflexões fenomenológicas inspiradas em Edmund Husserl<sup>3</sup> (1859-1938) para uma busca que recolhia elementos espirituais de suas experiências religiosas no contexto católico: “o caminho da fé pode reconhecer no ser eterno de Deus esse fundamento sem fundamento. O caminho filosófico formula-o de modo mais abstrato, porém solidamente

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: carlos.vargas@ibge.gov.br

<sup>2</sup> Doutorando em filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: clodoaldoluz@outlook.com

<sup>3</sup> VARGAS, Carlos. *Para uma filosofia husserliana da ciência*. São Paulo: Edições Loyola, 2019b.

lógico<sup>4</sup>”. Essa transformação na busca da verdade afetou a pesquisa filosófica steiniana, que passou a incluir novas referências, abrindo-se ao pensamento de Tomás de Aquino (1225-1274).

Neste artigo, analisaremos como Edith Stein abordou os conceitos tomasianos de ser e de eternidade, esforçando em estabelecer um diálogo entre essa filosofia da Idade Média com a fenomenologia<sup>5</sup> e a filosofia do século XX. A pensadora pretendia ir além da “defesa confessional<sup>6</sup>” e percebeu que a filosofia escolástica católica não estava falando a mesma língua da filosofia contemporânea<sup>7</sup>. Nessa reflexão, abordaremos especialmente como Edith Stein enfrentou essas questões, de uma maneira original, na obra *Ser finito e ser eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*<sup>8</sup>, quando, diante das dificuldades envolvidas, ela chegou a utilizar a metáfora de uma viagem: “a fenomenologia era sua ‘terra natal’ e ela queria chegar a uma ‘catedral escolástica’<sup>9</sup>”.

## 1. Edith Stein e sua aproximação à obra tomasiana

Depois de convertida e batizada como católica, em 1922, Edith Stein se dedicou cada vez mais à oração, inspirando-se em Santa Teresa de Jesus e abrindo-se “ao catecismo católico, ao missal romano, ao breviário litúrgico e à ação pastoral como meios de contemplação do mistério<sup>10</sup>”. Após seu batismo, a filósofa trabalhou com as irmãs dominicanas de Espira e colaborou com um grupo de intelectuais católicos, incluindo o filósofo Dietrich Von Hildebran (1889-1977), o beneditino Dom Daniel Feuling (1882-1947) e o jesuíta Eric Przywara (1889-1972), o qual lhe indicou que estudasse São Tomás de Aquino<sup>11</sup>.

Ela se conecta, assim, ao renascimento tomasiano enraizado em uma nova atenção à herança filosófica da Idade Média. Desde o final do século XIX, o tomasianismo oferecia uma fonte

---

<sup>4</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 28.

<sup>5</sup> VARGAS, Carlos. *Origens da Fenomenologia: sobre o desenvolvimento inicial da filosofia husserliana*. Multifoco: Rio de Janeiro, 2018.

<sup>6</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 21.

<sup>7</sup> MATHIAS, Ursula Anne. Apresentação. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 49.

<sup>8</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 20-21.

<sup>9</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 219.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 213-215.

excepcional de argumentos ao pensamento católico, sobretudo no diálogo com a filosofia contemporânea, centrada na questão kantiana da possibilidade de conhecimento, mas também em reação às severas críticas à religião<sup>12</sup>.

A partir de seu conhecimento fenomenológico e da sua “filosofia da pessoa humana<sup>13</sup>”, Edith Stein decidiu dedicar mais tempo para a pesquisa sobre São Tomás de Aquino, assumindo um projeto intelectual de confrontá-lo com a filosofia contemporânea<sup>14</sup>. Assim, a filósofa trabalhou, entre 1925 e 1928, na tradução, do latim para o alemão, da obra *Questões disputadas sobre a verdade (Quaestiones disputatae de Veritate)*, de São Tomás de Aquino, a qual foi publicada, com um volume de índices, em 1932.

O trabalho de Edith Stein foi elogiado, colaborando na divulgação do pensamento tomasiano, mas também lhe ajudou em sua formação católica, “pois ela se empenhou não só em traduzir a obra, mas confirmou seu profundo conhecimento filosófico e possibilitou-lhe analisar mais detalhadamente o conjunto da obra do Aquinate<sup>15</sup>”. A filósofa assumiu esse desafio de traduzir linguagens filosóficas diferentes, adaptando diferentes posturas epistemológicas em relação ao conhecimento e ao ser. Superando o isolamento intelectual, Edith Stein buscou um diálogo construtivo do pensamento católico com a filosofia moderna, partindo da rigorosa crítica fenomenológica husserliana.

O confronto entre esses “mundos filosóficos<sup>16</sup>” é tratado no texto “a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo<sup>17</sup>” (*Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas von Aquino. Versuch einer*

---

<sup>12</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 21.

<sup>13</sup> FARIAS, Moisés R.; VARGAS, Carlos E. de C. Análise fenomenológica da empatia na perspectiva do desenvolvimento de uma filosofia da pessoa humana. *Steiniana*, Santiago, vol. II, n. 2, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/Steiniana.2.2018.1>. Acesso em 20 jan. 2019.

<sup>14</sup> Pode-se ver uma expressão desse projeto de Edith Stein na carta que ela escreveu para Fritz Kaufmann em 13 de novembro de 1925: STEIN, Edith. *Selbstbildnis in Briefen I (1916-1933)*. ESGA: 2. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019c, p. 56-57.

<sup>15</sup> SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. *Notandum*, Porto, 30 set-dez 2012, p. 101-107. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivanaldo.pdf>. Acesso em 06 ago. 2019.

<sup>16</sup> Tradução nossa. No original: “*philosophischen Welten*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 10.

<sup>17</sup> STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Trad. Juvenal Savian Filho, Ursula Anne Mathias et alli. São Paulo: Paulus, 2019a, p. 99-136.

*Gegenüberstellung in Festschrift Edmund Husserl zum 70. Geburtstag gewidmet*<sup>18</sup>), publicado em 1929, no contexto das comemorações dos 70 anos de Edmund Husserl<sup>19</sup>. Neste diálogo filosófico, Stein mostrou que “o método fenomenológico pode ser aplicado a problemas que, até aquele momento, isto é, 1929, não tinham sido pensados pela fenomenologia, como, por exemplo, a relação entre a fé, o saber e a mística<sup>20</sup>”.

Em 1931, Edith Stein aprofundou seu trabalho de confrontação da filosofia de São Tomás de Aquino e do pensamento contemporâneo ao começar a escrever a obra *Ato e Potência: estudos sobre uma filosofia do ser (Potenz und Akt: Studien zu einer Philosophie des Seins)*<sup>21</sup>). Naquele momento, a filósofa buscava assumir uma cátedra de professora de filosofia na Universidade de Freiburg<sup>22</sup> e, para isso, passou a escrever esse trabalho como uma tese de habilitação sobre a relação entre São Tomás de Aquino e a filosofia moderna<sup>23</sup>. Neste contexto de reflexão tomista, em 1932, Edith Stein foi a única fenomenóloga a participar do Congresso Tomista de Juvisy, na França, colaborando para este diálogo entre tomismo e fenomenologia<sup>24</sup> ao comentar a importância de São Tomás de Aquino no diálogo com a filosofia em geral, incluindo a fenomenologia, a qual, por sua vez, pode colaborar em diversas linhas de pesquisa, incluindo a “vida mística<sup>25</sup>”.

Na sequência, em 1933, Edith Stein ingressou no Carmelo de Colônia, na Alemanha, seguindo o exemplo de Santa Teresa de Jesus<sup>26</sup> e assumindo, em 1934, o nome de irmã Teresa Benedita da Cruz<sup>27</sup>. A vivência monástica desta vocação carmelitana marcou a sua

---

<sup>18</sup> Com esse título, o texto foi publicado originalmente, em Haale, na Alemanha, na edição especial, de 1939, do “*Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*”, em 1939, pela *Max Niemeyer Verlag*.

<sup>19</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 216.

<sup>20</sup> SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. *Notandum*, Porto, 30 set-dez 2012, p. 101-107. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivanaldo.pdf>. Acesso em 06 ago. 2019.

<sup>21</sup> Esta obra foi publicada apenas postumamente em 1998, pela Editora Herder (Freiburg-Basel-Wien) como o volume XVIII das obras de Edith Stein.

<sup>22</sup> URKIZA, Julen. Nota Introductoria. In: STEIN, Edith. *Obras Completas*, vol. III: Escritos Filosóficos: Etapa de pensamiento Cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD, et alii. Org. J. Urquiza y F. Javier Sancho. Burgos: Ed. Monte Carmelo; Vitoria: Ed. El Carmen; Madrid: Ed. de Espiritualidad, 2007. p. 226-227.

<sup>23</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 217.

<sup>24</sup> “*Diskussionsbeiträge anlänsslich der 'Journées d'Études de la Société Thomiste – Juvisy*. A contribuição steiniana foi publicada, em Paris, na França, ainda em 1932, nas atas do próprio evento: “*Journée d'études de la Société Thomiste, Vol. 1: La phénoménologie*”.

<sup>25</sup> SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. *Notandum*, Porto, 30 set-dez 2012, p. 101-107. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivanaldo.pdf>. Acesso em 06 ago. 2019.

<sup>26</sup> SANCHO FERMÍN, Francisco J. *100 Fichas sobre “Edith Stein”*. Avessadas: Edições Carmelo, 2008.

<sup>27</sup> PEDRA, José Alberto. *Edith Stein: Uma santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998. 67 p. 42-43.

vida, colaborando na sua busca da “Verdade” e influenciando no desenvolvimento de sua obra, que passa a assumir “a perspectiva carmelita que marcou a sua vida, chegando a usar a imagem teresiana do castelo interior e das moradas para tratar da alma<sup>28</sup>”.

No Carmelo, Edith Stein escreveu a obra *Ser finito e ser eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser (Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins)*<sup>29</sup>, entre 1935 e 1936, a partir do escrito anterior, *Ato e Potência*. Outra obra escrita dentro do Carmelo, assumindo uma influência de São Tomás de Aquino, foi, em 1941, “*As vias do conhecimento de Deus: a Teologia Simbólica do Areopagita e seus pressupostos objetivos*” (“*Wege der Gotteserkenntnis, Die ‘Symbolische Theologie’, Des Areopagiten und ihre sachliche Voraussetzungen*”), no qual a monja filósofa, um ano antes de seu martírio, analisou as modalidades ou os graus do conhecimento de Deus<sup>30</sup> utilizando uma perspectiva tomasiana para essa reflexão sobre a mística e abrindo novos horizontes naquele contexto cultural<sup>31</sup>: “Edith Stein apresenta um lado que, na primeira metade do século XX, era pouco conhecido de Tomás de Aquino... ela apresenta o lado místico e defensor da dignidade humana de Tomás de Aquino<sup>32</sup>”.

## 2. A Eternidade do ser e a criação do ente conforme Tomás de Aquino

Antes de mostrar como Edith Stein incorporou as concepções tomasianas, em *Ser finito e ser eterno*, apresentaremos como Tomás de Aquino elaborou sua tese da eternidade de Deus, incorporando<sup>33</sup> a definição de Boécio (480 – 524) acerca da eternidade divina: “procuremos, portanto, ver o que é a eternidade, pois é ela que nos esclarece sobre a natureza divina bem como sobre sua sabedoria. A eternidade é a posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada<sup>34</sup>”.

---

<sup>28</sup> VARGAS, Carlos E. de C. A clarificação fenomenológica de Edith Stein: ponte epistemológica entre a antropologia filosófica e a teologia simbólica. *Interações - Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 165-181, jul./dez. 2012.

<sup>29</sup> Esta obra foi publicada apenas postumamente, em 1950, conjuntamente pelas editoras Nawelaerts e Herder (Louvain – Freiburg). Doravante, será citada apenas como *Ser finito e ser eterno*.

<sup>30</sup> SAVIAN FILHO, Juvenal. Experiência mística e filosofia em Edith Stein. *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha*, Ano VIII/2, Jul/Dez 2011, p. 175-178.

<sup>31</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 216.

<sup>32</sup> SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. *Notandum*, Porto, 30 set-dez 2012, p. 101-107. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivanaldo.pdf>> Acesso em 06 ago. 2019.

<sup>33</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia: Teologia, Deus, trindade*. Volume 1: I parte: Questões 1-43. Trad. Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2016, p. 235.

<sup>34</sup> BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Trad. Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 2016, p. 150.

O possuir, sem limites, a vida, ao mesmo tempo em que a detém de maneira perfeitíssima e plena, cabe ao eterno. Assim, a vida do ser eterno não lhe é imposta por outro, porque a possui sem nenhuma amarra, sem privação alguma, tampouco pode cessar a sua vida, pois é plena e ilimitada. O ser eterno, sublime e transcendente, é anterior a tudo que existe, sustentando no ser aquilo que é criado.

Tomás de Aquino, embasado nas *Sagradas Escrituras*, defende, sobretudo, a tese de que Deus é, ao invés de afirmar que Ele existe. Na obra “*Ente e a Essência*” (“*De Ente et Essentia*”), redigida quando o autor exercia “a docência na qualidade de bacharel sentenciário na Universidade de Paris, nos anos de 1252 a 1256<sup>35</sup>”, o *Doutor Angélico* defende que, em Deus, Sua essência é Sua Existência e vice-versa. O Aquinate sustenta tal ideia sob a concepção de que existir é provir de outrem. Por exemplo: o filho existe pelo fato de provir do pai e da mãe; o papel existe, pois advém da celulose retirada da madeira. Ora, Deus não recebe sua existência de algum outro, pois Ele É. Conforme testemunha a própria Escritura: “Moisés disse a Deus: ‘Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais me envio até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?’ Disse Deus a Moisés: ‘Eu sou aquele que é’ (Ex. 3,13-14a)<sup>36</sup>”

A definição boeciana, arrimo da concepção tomásica acerca da eternidade, é endossada na *Suma de Teologia* (*Summa Theologiae*<sup>37</sup>) como a posse perfeita, de uma só vez, de uma vida que não pode terminar. Tomás de Aquino observa que, assim como entendemos as coisas simples por referência às compostas, entendemos a eternidade por referência ao tempo, isto é, como aquele modo de existência que não tem começo nem fim e não possui sucessão de partes<sup>38</sup>.

Para chegar na asserção do atributo da eternidade de Deus, fez-se imprescindível, para o Aquinate, obter a asserção da existência de Deus, a fim de investigar sobre tal atributo. Por uma questão metodológica, antes de refletir acerca do que é o objeto de investigação, ele determina a sua existência. Tomás de Aquino percorre essa primeira etapa na consecução das suas cinco vias. Ao tratar da sua terceira via sobre a existência de Deus, o *Doutor Angélico* insere uma argumentação que traz à tona a possibilidade de inferir a

---

<sup>35</sup> DA SILVA, Pedro R. F.; MELO VIEIRA, Sadoque L. Os fundamentos metafísicos de Tomás de Aquino a partir da obra de ente et essentia. *Seara Filosófica*, Pelotas, n. 22, Verão/2021, pp. 14-30.

<sup>36</sup> BÍBLIA, português. *A Bíblia De Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 106.

<sup>37</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia: Teologia, Deus, trindade*. Volume 1: I parte: Questões 1-43, *op. cit.*, 2016, p. 236.

<sup>38</sup> HUGHES, Christopher. *On a Complex Theory of a Simple God: An Investigation in Aquinas' Philosophical Theology*. Cornell University Press, Ithaca and London, 1989, p. 116.

existência divina partindo do contingente, isto é, daquilo que está restringido pelo tempo, à mercê da aniquilação. Eis a referida via tomasiana:

A terceira via é tomada do possível e do necessário. Ei-la. Encontramos, entre as coisas, as que podem ser ou não ser, uma vez que algumas se encontram que nascem e perecem. Consequentemente, podem ser e não ser. Mas é impossível ser para sempre o que é de tal natureza, pois o que não pode ser não é em algum momento. Se tudo pode não ser, houve um momento em que nada havia. Ora, se isso é verdadeiro, ainda agora nada existiria; pois o que não é só passa a ser por intermédio de algo que já é. Por conseguinte, se não houve ente algum, foi impossível que algo começasse a existir; logo, hoje, nada existira: o que é falso. Assim, nem todos os entes são possíveis, mas é preciso que algo seja necessário entre as coisas. Ora, tudo o que é necessário tem, ou não, a causa de sua necessidade de outro. Aqui também não é possível continuar até o infinito na série das coisas necessárias que têm uma causa da própria necessidade, assim como entre as causas eficientes, como se provou. Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade para os outros: o que todos chamam Deus<sup>39</sup>.

O desfecho desse argumento faz um nexos para auferir a inferência de que há o ser necessário por si mesmo, preparando o fecho da terceira via tomasiana: “Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade para os outros: o que todos chamam Deus<sup>40</sup>”. Este argumento da prova da existência divina orienta-se, também, pela “durabilidade” da existência dos entes em relação à eternidade de Deus. Nesta esteira, a existência de tudo que há, dos entes materiais e dos entes imateriais, provém exclusivamente de Deus, pois:

como a ordem das ações é segundo a ordem dos agentes, por isso a ação mais nobre pertence ao agente mais nobre, é necessário que a primeira ação seja própria do agente primeiro. Ora a criação é a primeira ação, pois não pressupõe nenhuma outra, e todas as outras a pressupõem. Logo, a criação é ação própria de Deus, que é o agente primeiro<sup>41</sup>.

Seguindo o raciocínio de Tomás de Aquino, a criação, como apanágio único e exclusivo do ser necessário, leva a considerar razoável que Deus, além de criar todas as coisas, suste o ser em tudo que há, pois, do contrário, a vida teria se dissipado. Logo, o ser necessário por si é eterno, não tendo princípio, tampouco fim. Se tivesse início deveria ser causa de si mesmo, o que é improvável, além do que deveria ter dois necessários por si e, assim, infinitamente, o que se apresenta ilógico e ontologicamente inviável. Por outro lado, o ser necessário se tivesse fim, nada haveria agora, o que é refutado pela mais simples observação do mundo. Por isso, o Aquinate assevera que todas as coisas existentes provêm de Deus:

---

<sup>39</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia*: Teologia, Deus, trindade. Volume 1: I parte: Questões 1-43, *op. cit.*, 2016, p. 167-168.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 168.

<sup>41</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios II*. Trad. Maurílio J. de O. Camello. São Paulo: Loyola, 2015, p. 46.

É necessário, pois, que todas as coisas que são, procedam de Deus. Igualmente. O que se diz por essência, é causa de todas as coisas que se dizem por participação: como o fogo é causa de tudo o que é inflamado enquanto tal. Deus, porém, é ente por sua essência, porque é o próprio ser. Todo o outro ente é ente por participação, porque ente que é seu ser não pode ser senão único, como foi mostrado no Livro Primeiro. Deus, portanto, é causa do ser para todas as outras coisas<sup>42</sup>.

Um incêndio tem no fogo, conforme no exemplo tomasiano, a sua essência e a sua causa. De forma similar, o gelo tem na água a sua essência. Assim, pode-se entender, neste sentido, que a essência é a causa de alguma coisa. Ora, Deus é incausado, não podendo ser-lhe atribuído a definição de causa de si mesmo. Isto se deve pelo fato de não haver separação alguma entre sua essência e sua existência. Contrariamente, no incêndio e no gelo há a distinção entre sua essência e sua existência. Portanto, tem a “existência” por participação, por serem causados. Sob esse viés, todas as coisas procedem de Deus: os que lhe são mais próximas têm o ser de modo necessário, enquanto as demais, de forma contingencial. Em ambos os casos, é impossível a série causal regredir ao infinito, pois todos possuem a sua causa originária em Deus, ou seja, advêm Dele em primeira instância. Assim, sendo, por principiar a existência de tudo que há e mantê-la, Deus é eterno. Ciente disso, Tomás de Aquino, ao conceituar a eternidade, distingue-a do tempo, acentuando que Deus é o Ser permanente:

É claro que o tempo e a eternidade não são o mesmo. Mas alguns assinalaram como causa dessa diversidade o fato de a eternidade não ter começo nem fim, ao passo que o tempo tem um começo e um fim. Mas esta diferença é acidental e não essencial. Supondo que o tempo tenha sempre existido e que deva existir sempre, de acordo com a posição dos que afirmam no céu um movimento sempiterno, ainda restará a diferença entre a eternidade e o tempo, como diz Boécio, porque a eternidade é inteiramente simultânea, o que não convém ao tempo; pois a eternidade é a medida do ser permanente, e o tempo a medida do movimento<sup>43</sup>.

Nessa consideração, pela qual tece a distinção entre o tempo e a eternidade, Tomás de Aquino, cômico da discrepância entre o evo, o tempo e a eternidade, reafirma o asserto de que Deus é eterno, sendo Ele a causa primeira e o dispensador da existência e do ser para tudo que existe. Consequentemente, Deus é decididamente o ser necessário por si.

Contudo, a eternidade não pode ser conceituada com uma terminologia que expressa uma quantidade de tempo extensiva (como por exemplo, um milênio de anos), senão com o instante, o qual é o termo mais básico para se referir ao tempo, pois a eternidade é atrelada, na concepção boeciana, aos termos latinos “*total simul*”, que, literalmente,

---

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 34.

<sup>43</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia*: Teologia, Deus, trindade. Volume 1: I parte: Questões 1-43, *op. cit.*, p. 241.

significam “todo junto”<sup>44</sup>. Deste modo, a eternidade pode ser entendida como todo o conjunto em um mesmo ato. E, por isso, a expressão “instante” pode ser usada para se aplicar à eternidade, pois esta é tomada, na conceituação boeciana, como algo sem sucessão, totalmente unificada e refratária à sucessividade.

Sob esse viés, a revelação veterotestamentária ratifica a criação divina como toda conjunta: “Aquele que vive eternamente criou todas as coisas juntas (Eclo 18,1)<sup>45</sup>”. Pelo fato de que em Deus essência e existência ser a mesma coisa, a criação (ação própria de Deus) coincide com o seu ser, o qual é eterno. Portanto, a criação também acontece na eternidade, não de forma sucessiva, senão toda junta, de modo simultâneo.

Contudo, apesar de o instante ser a expressão temporal que se apresenta mais viável para falar da eternidade, é preciso ter em mente que o instante não pode desvelar a eternidade, pois ele está vinculado ao tempo. Se, “temporalmente”, o instante pode ser usado para se remeter à eternidade, “geometricamente”, o ponto, ainda de forma imprecisa, pode ser usado para retratar a “vida” de Deus. Isto se deve pelo fato de que o ponto não pode ser mensurado em uma forma e dimensão específicas. Tampouco é possível circunscrever o ponto em alguma medida, largura ou comprimento. Como o ponto é a base para todas as outras figuras geométricas, ele seria a melhor figura para retratar a eternidade de Deus, o qual é o princípio de tudo que há. Porém, por estar atrelado à geometria, o ponto também não revela a eternidade.

Apesar dessa inadequação do instante e do ponto, eles possuem uma importância que não pode ser desprezada na reflexão sobre a eternidade, pois o conhecimento que se tem Deus é analógico. Tendo em vista que Deus, na visão tomasiana, é o necessário por si mesmo, faz-se oportuno analogicamente utilizar o instante e o ponto para “representá-lo”, pois o necessário deriva do simples<sup>46</sup>. Por isso, embora inadequados e imprecisos, o primeiro, por ser a unidade mais simples do tempo, e o segundo, por ser a forma mais simples da geometria, e, assim, estarem na totalidade das outras unidades temporais e formas geométricas, o instante e o ponto colaboram, de alguma maneira, para que o ser humano reflita acerca de Deus. Assim, como a eternidade é a vida toda conjunta e não simultânea, o instante e o ponto podem legar ao homem uma vaga e turva imagem do que seria a eternidade.

---

<sup>44</sup> FERREIRA, António Gomes (org.). *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Editora Porto, 1997, p. 1164.

<sup>45</sup> BÍBLIA, português. *A Bíblia De Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 1170.

<sup>46</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Marcos Marcionilo. Bilíngue. São Paulo: Loyola, 2002, p. 203.

Aliás, Tomás de Aquino, ao redigir sua consideração sobre o atributo divino da eternidade, assevera que Deus, na condição de eterno, é necessário por si mesmo: “Logo, é necessário afirmar um primeiro necessário. E este é Deus; uma vez que é a causa primeira, como foi demonstrado. Deus é, portanto, eterno, uma vez que todo necessário por si é eterno<sup>47</sup>”. Possuindo a necessidade, como um atributo intrínseco, Deus não pode deixar de existir. Aliás, o “Ser necessário é aquele que tem em si a sua razão de existir, pois a sua essência se identifica com a sua existência<sup>48</sup>”. Contrariamente a isto, as coisas e seres necessários por outrem, não tendo a essência e a existência como sendo a mesma coisa, podendo ser aniquilados.

Até mesmo os entes imateriais, considerados em si, podem ser indicados como possíveis no que tange a sua existência, mas a necessidade deles procede de Deus. De algum modo, os seres mensurados no “evo” têm mudança: corpos celestes mudam de local e os anjos, de pensamento. Assim, semelhantes seres necessários por outro não detêm a necessidade de sua existência em si, isto porque depende do necessário por si. Logo, tais entes imateriais não possuem sua necessidade como uma característica intrínseca, senão extrínseca. Deus, cuja essência e existência se igualam, sendo necessário por si mesmo, não adquire a necessidade de outro. Destarte, é plausível a inferência de haver somente um ser necessário por si. Não podendo haver dois necessários por si, pois, assim, um poderia ser dependente do outro e vice-versa. Com efeito, “o ser necessário assim o é sob qualquer ponto de vista, pois não pode haver dois seres que sejam necessários por si com igual necessidade [...] o ser necessário por si não pode ser senão único<sup>49</sup>”. Nessa ótica, é notório que Deus não se mensura pelo evo e tampouco pelo tempo, senão pode “ser medido pela eternidade”:

a eternidade é a medida do ser permanentemente, na medida em que uma coisa se distancia da permanência no ser, nessa mesma medida se distancia da eternidade. Ora, há coisas de que tal modo se afastam da permanência do ser, que seu próprio ser é sujeito de mudança, ou mesmo consiste em mudança; e estas são medidas pelo tempo. É o caso de todo movimento, e também do ser das coisas corruptíveis. Outras se afastam menos da permanência do ser, pois seu próprio ser não consiste numa mudança e não é sujeito de mudança, mas têm anexa uma mudança, ou em ato, ou em potência. Isso fica claro nos corpos celestes, cujo ser substancial é imutável, mas conciliam o

---

<sup>47</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios I*. Trad. Joaquim F. Ferreira. et Eliane da C. N. Brito. São Paulo: Loyola, 2015, p. 72.

<sup>48</sup> Tradução nossa. No original: “*Ser necesario es el que tiene en sí mismo su razón de existir, porque su esencia se identifica con su existencia*”. FRAILE, Guilherme. *Historia de La Filosofía*: II. El Judaísmo Y La Filosofía. El Cristianismo y La Filosofía. El Islam y La Filosofía. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1960, p. 978.

<sup>49</sup> DUBRA, J. A. Castello. Necessidade e contingência do efeito da causa primeira: uma comparação entre Tomás de Aquino e Avicena. In: *Revista dois pontos: Necessidade e contingência na Filosofia Medieval*. Luiz Damon Santos Moutinho e Alfredo Storck (organizadores). Curitiba/São Carlos, v. 7, n. 3, p. 69-94, abril de 2010, p. 75.

ser imutável com a mudança local. Do mesmo modo os anjos conciliam o ser imutável com a mutabilidade de escolha, pelo menos em razão de sua natureza, e com a mutabilidade de pensamentos e de suas afeições e, a seu modo, de lugares. Eis por que são medidos pelo evo, intermediário entre a eternidade e o tempo. Quanto ao ser que é medido pela eternidade, não é mutável, nem está associado à mutabilidade. – Concluindo: o tempo tem antes e depois; o evo não tem em si antes e depois, mas podem acompanhá-lo; enfim, a eternidade não tem antes nem depois<sup>50</sup>.

O referido excerto tomasiano, ao indicar que o evo não tem início por si, implica que todos os entes pelo evo mensurados carecem de um princípio, isto é, do ser que lhes conceda a existência. Assim, apesar da incorruptibilidade dos entes imateriais, eles podem ter sua existência cessada por Deus: “como o ser ou o não-ser do anjo dependem do poder divino, Deus pode fazer, absolutamente falando, que o ser do anjo não mais existirá<sup>51</sup>”.

Os entes contingentes, por serem suscetíveis à dinâmica da geração e corrupção, têm uma existência efêmera vinculada à passagem temporal. Por sua vez, os entes incorruptíveis, pelo fato de receberem de Deus a imortalidade, não são restringidos pela incessante fugacidade do tempo. Todavia, por serem receptores e não detentores da imutabilidade, eles podem ter sua existência considerada como “efêmera” perante a possibilidade de serem aniquilados. Assim, pode-se corroborar que só Deus é o ser por excelência. Tomás de Aquino advoga que em nada arrefece ou obsta a bondade divina a possibilidade de Deus extinguir a existência das criaturas:

Deus não produz as criaturas por necessidade de natureza, como se a potência de Deus estivesse determinada para ser da criatura, como se provou na outra questão. De modo semelhante, a bondade de Deus também não depende das criaturas, como se elas não pudessem existir, porque as criaturas nada acrescentam à bondade divina. Logo, segue-se que não é impossível que Deus reduza as criaturas ao não ser, já que não é necessário que Ele lhes forneça o ser, a não ser por suposição de sua ordenação e presciência, porque assim ordenou e preconcebeu, para manter a coisa perpetuamente no ser<sup>52</sup>.

Ademais, ao não precisar de nenhum elemento preexistente para a sua ação criadora, Deus não está circunscrito a nenhuma necessidade, como por exemplo, o oleiro que, na utilização da argila, carece de boas condições de sua matéria-prima para realizar a sua obra. Sob esse viés, mesmo a criação, sendo realizada a partir da eternidade, não é obrigatório que a obra criada, considerada como efeito da criação, seja eterna. No seu querer, Deus quis conceder a contingência e a fugacidade às coisas existentes imersas no

---

<sup>50</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia*: Teologia, Deus, trindade. Volume 1: I parte: Questões 1-43, *op. cit.*, p. 244.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 245.

<sup>52</sup> AQUINO, Tomás de. *A criação, a conservação e o governo do mundo*: questões disputadas sobre o poder de Deus 4-6. Tradução de Paulo Faitanin, Rodolfo Petrônio, Bernardo Veiga e Rafael N. Godinho. Campinas: Ecclesiae, 2014, p. 133.

tempo. A existência de tudo que há provém de Deus. Aliás, a manutenção da vida de todas as coisas implica na permanência da “vida divina”, isto é, na eternidade de Deus. Assim, não há início e tampouco término na existência divina, a qual, portanto, deveras, prosseguirá.

### 3. Eternidade e Criação em “*Ser finito e ser eterno*”

Edith Stein refletiu profundamente sobre as relações filosóficas entre a tradição tomista e o método fenomenológico<sup>53</sup>. Contudo, a grande síntese do pensamento filosófico de Edith Stein, nesse diálogo entre tomismo e fenomenologia, ocorreu na obra “*Ser finito e ser eterno*”:

Com “olhar” fenomenológico, Stein procura assumir sua posição a tradição tomista do ato e potência do Ser finito (Ser humano) e do Ser eterno (Deus). O Ser humano – finito, para ela tem um lugar especial concebido como uma criação-, é “o espírito criado é uma imagem limitada de Deus, e enquanto imagem é semelhante a Deus, enquanto limitado é o oposto de Deus enquanto infinito”, também este tendo participação no plano divino. Ele é constituído de uma tríplice estrutura, tendo uma singular interioridade, que é posta em reflexão constante pela sua situação-limite<sup>54</sup>.

Em “*Ser finito e ser eterno*”<sup>55</sup>, Edith Stein começa a sua reflexão com a questão sobre o ser (“*Sein*”), partindo dos conceitos de ato (“*Akt*”) e potência (“*Potenz*”) na obra “*Questões disputadas sobre o poder de Deus*” (“*Questiones disputatae de potentia*”) de Tomás de Aquino. A filósofa mostra o contexto aristotélico da reflexão tomasiana, citando a *Metafísica* de Aristóteles<sup>56</sup> (384 a.C. - 322 a.C.): “esta obra interessante na qual o esforço multissecular do espírito grego encontrou sua expressão compendiada sobre a ‘pergunta sempre sem resposta’<sup>57</sup>”. Ela mostra um contexto histórico, no qual cita Boécio e Avicena (980-1037), indicando a obra “*Ente e a Essência*”<sup>58</sup> como o compêndio da doutrina do Aquinate sobre o Ser<sup>59</sup>.

---

<sup>53</sup> STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Trad. Juvenal Savian Filho, Ursula Anne Mathias et alli. São Paulo: Paulus, 2019a, p. 99-136.

<sup>54</sup> AZEREDO, Jéferson L. Edith Stein: concepções de ser finito e ser eterno, significados e manifestações. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 2, jul./dez. 2011, p. 129.

<sup>55</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 14-15.

<sup>56</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcos Marcionilo. Bilingue. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>57</sup> Tradução nossa. No original: “*in der das jahrhundertelange Ringen des griechischen Geistes um die »immer ungelöste Frage« ihren gesammelten Ausdruck gefunden hat*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 15.

<sup>58</sup> AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Trad. Carlos A. do Nascimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

<sup>59</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 16.

Depois de analisar o ato e a potência enquanto modos de ser (“*Akt und Potenz als Seinsweisen*”<sup>60</sup>), refletindo sobre o “ser atual e o ser potencial” (“*aktuellem und potenziellem Sein*”<sup>61</sup>), Edith Stein aborda as questões sobre o “ser essencial e o ser real” (“*Wesenhaftes und wirkliches Sein*”<sup>62</sup>). Ela procura esclarecer as relações entre a “temporalidade” (“*Zeitlichkeit*”), a “finitude” (“*Endlichkeit*”) e a limitação material (“*sachliche Begrenztheit*”), ampliando sua reflexão para os temas da infinitude (“*Unendlichkeit*”) e da eternidade (“*Ewigkeit*”<sup>63</sup>):

É verdadeiramente infinito o que não pode acabar, pois não recebe o ser como um dom, mas está na posse do ser, é dono do ser e, na verdade, é o próprio ser. Chamamo-lo de ser eterno. Não tem necessidade de tempo, mas também é dono do tempo. O ser temporal é finito. O ser eterno é infinito. Porém, a finitude significa mais do que a temporalidade e a eternidade significa mais do que a impossibilidade de um fim no tempo<sup>64</sup>.

Aprofundando sua reflexão sobre o “ser finito” e o “ser eterno”, Edith Stein questiona-se sobre os “diversos modos de ser: ser essencial, existência, ser real e no pensamento”<sup>65</sup>, aprofundando seu diálogo com Tomás de Aquino a partir das referências aristotélicas. Nesta pesquisa, a filósofa aborda a questão sobre “o ser primeiro” (“*erste Sein*”), que “é chamado de ‘puro’ porque não há nada de não-ser... não há nele nenhuma passagem da possibilidade à realidade”, nenhuma contraposição entre potência e ato, sendo chamado também de ‘ato puro’<sup>66</sup>”. Na sequência, ela questiona o sentido de “*analogia entis*”, utilizando este termo em latim. Conforme Edith Stein, se Aristóteles<sup>67</sup> não se refere à “*analogia entis*” no contexto da relação entre ser finito e ser eterno<sup>68</sup>, São Tomás de Aquino<sup>69</sup>, por sua vez, dá um passo a mais, considerando a relação entre Deus e as criaturas, utilizando o conceito de “*analogia proportionalitatis*”

---

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 32-50.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>64</sup> Tradução nossa. No original: “*Wahrhaft unendlich ist, was nicht enden kann, weil es nicht mit dem Sein beschenkt wird, sondern im Besitz des Seins ist, Herr des Seins, ja das Sein selbst. Wir nennen es das ewige Sein. Es bedarf der Zeit nicht, sondern ist auch Herr der Zeit. Zeitliches Sein ist endlich. Ewiges Sein ist unendlich. Aber Endlichkeit besagt mehr als Zeitlichkeit, und Ewigkeit besagt mehr als Unmöglichkeit des Endens in der Zeit*”. *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>65</sup> Tradução nossa. No original: “*verschiedene Seinsweisen (wesenhaftes Sein, Existenz, wirkliches und gedankliches Sein*”. STEIN, Edith. *op. cit.*, p. 215.

<sup>66</sup> Tradução nossa. No original: “*Es wurde ‘rein’ genannt, weil in ihm nichts von Nichtsein... Weil es bei ihm keinen Übergang von der Möglichkeit zur Wirklichkeit gibt, keinen Gegensatz von Potenz und Akt, wurde es auch ‘reiner Akt’ genannt*”. *Ibidem*, p. 15.

<sup>67</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcos Marcionilo. Bilingue. São Paulo: Loyola, 2002.

<sup>68</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 222.

<sup>69</sup> AQUINO, Tomás de. *Verdade e conhecimento: Questões disputadas sobre a verdade, sobre o verbo e sobre a diferença entre a palavra divina e a humana*. Trad. Luiz Jean Lauand e Mário Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

(“*Verhältnisgleichheit*”<sup>70</sup>). Nas “*questões disputadas sobre a verdade*” (“*De Veritate*”), o *Doutor Angélico* distingue duas formas de proporcionalidade e, na sequência, diferencia duas espécies de analogia:

De duas maneiras se diz que uma coisa é proporcional à outra. Na primeira, porque se observa uma proporção entre eles; assim como dizemos que quatro está em proporção com dois, porque está em dupla proporção com dois. De outra forma, por meio da proporcionalidade; como se disséssemos que seis e oito são proporcionais, porque como seis é o dobro de três, oito é de quatro: pois a proporcionalidade é a semelhança das proporções. E como em toda proporção se presta atenção à relação mútua daquelas coisas que se diz serem proporcionadas de acordo com algum excesso determinado de uma sobre a outra, é, portanto, impossível proporcionar algo finito pelo modo de proporção. Mas naquelas coisas que são ditas proporcionais por meio de proporcionalidade, a atenção não é dada à sua relação uma com a outra, mas à relação semelhante de uns dois para outros dois; e, portanto, nada impede que o infinito seja proporcional ao finito: pois, como um finito é igual a outro finito, o infinito é igual a outro infinito<sup>71</sup>.

Na primeira espécie de conformidade, há uma relação de proporção determinada pelos seus membros, como ocorre na relação entre a substância (“*substantia*”) e o acidente (“*accidente*”), e Tomás de Aquino cita, como exemplo, a relação entre a urina e o animal<sup>72</sup>. Contudo, este caso de analogia não se aplica à relação entre Deus e as criaturas: “porque nenhuma criatura tem tal relação com Deus pela qual a perfeição divina pode ser determinada<sup>73</sup>”.

Assim, a analogia entre Deus e a criatura é feita de uma maneira que “nenhuma relação definida é observada entre aquelas coisas que têm algo em comum por analogia<sup>74</sup>”, deixando alguma imprecisão na comparação. Um exemplo de analogia é considerar que, como há tão só uma nascente para um curso d’água, Deus ocasiona a existência de tudo que há. Na condição de nascente insecável, o necessário por si mesmo é inimitável e ímpar. Todavia, diferentemente do ponto em que nasce o curso de água, Deus não carece de nenhum elemento para, a seu consentimento, dar vida a tudo, pois só Ele é eterno.

Entre os vários elementos do pensamento de Tomás de Aquino que impactaram Edith Stien, a professora Hanna-Barbara Gerl-Falkovitz destaca justamente o conceito de

---

<sup>70</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 223.

<sup>71</sup> AQUINO, Tomás de. *Quaestiones disputatae de veritate a quaestione II ad quaestionem IV*. Textum adaequatum Leonino 1970 edito ex plagulis de prelo emendatum ac translatum a Roberto Busa, S.J., in taenias magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit. Disponível em: <https://www.corpusthomicum.org/qdv02.html#51>. Acesso em 10 mar. 2023.

<sup>72</sup> Tradução nossa. No original: “*urina et animal*”. AQUINO, Tomás de. *op. cit.*

<sup>73</sup> Tradução nossa. No original: “*quia nulla creatura habet talem habitudinem ad Deum per quam possit divina perfectio determinari*”. *Ibidem*.

<sup>74</sup> Tradução nossa. No original: “*analogiae nulla determinata habitudo attenditur inter ea quibus est aliquid per analogiam commune*”. *Ibidem*.

“analogia”, utilizado para compreender a relação entre o ser finito e o ser eterno: “a análise do ser finito conduz, por meio da questão do sentido, ao ser eterno. Este se abre na *analogia entis* tomasiana e revela suas marcas na criação, dentre as quais a mais visível é a marca tríplice da unidade corpo-alma-espírito na pessoa humana<sup>75</sup>”. Portanto, nesta comparação entre o ser finito e o ser eterno, Edith Stein reflete sobre a eternidade divina e a temporalidade das criaturas utilizando esse conceito tomasiano de “*analogia entis*”, como também foi comentado pela professora Adair Sberga:

Entre Deus e as criaturas, só é possível haver aproximação por analogia, ou seja, por *analogia entis*, entendida como relação do ser temporal com o ser eterno. O ser da criatura é momentâneo e completo só naquele momento, não é ser pleno. O ser de Deus é plenitude, ilimitado, é pura atualidade e, portanto, seu modo de ser é divino. Em Deus não há potencialidade, então Deus é esse *in actu* (o ser em ato). As criaturas participam do modo de ser de Deus, e essa participação se dá em graus diferentes, pode ser mais ou menos o que é ou mais ou menos atual. Portanto, o modo de ser das coisas criadas é formado por diferentes misturas de graus de atualidade e de potencialidade que se dão na temporalidade, ou seja, a criatura é uma mistura do ser e do não-ser<sup>76</sup>.

Em *Ser finito e ser eterno*, Edith Stein continua seu diálogo com Tomás de Aquino, refletindo sobre o ser que tem seu fundamento em si mesmo: “um ser que não é o ser de um algo distinto de si mesmo<sup>77</sup>”. Ela conclui, citando a *Suma de Teologia*, que o ser finito “deve estar prefigurado em Deus<sup>78</sup>”:

Tudo o que existe num ente, sem lhe constituir a essência, deve ser causado pelos princípios desta, como acidentes próprios resultantes da espécie... Por onde, sendo a existência mesma do ente diferente da sua essência, é necessário seja essa existência causada por algum ser exterior, ou pelos princípios essenciais do referido ente. Ora, é impossível seja ela causada somente pelos princípios essenciais deste, pois, nenhum ente de existência causada é suficiente para ser causa da sua própria existência. Portanto e necessariamente, o ente cuja existência difere da essência, há de ter aquela causada por outro ser. Mas, isto não se pode dizer de Deus, pois, já provamos ser ele a causa eficiente primeira. Logo, é impossível que, em Deus, a existência seja diferente da essência<sup>79</sup>.

Na sequência, Edith Stein<sup>80</sup> utiliza o conceito de “*analogia entis*” para compreender a relação entre o “*Eu Sou*” das *Sagradas Escrituras*<sup>81</sup> (Ex 3,14) com a diversidade dos

---

<sup>75</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 21.

<sup>76</sup> SBERGA, Adair A. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 27-28.

<sup>77</sup> Tradução nossa. No original: “*einem Sein, das nicht Sein eines von ihm selbst unterscheidbaren Etwas ist*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 223.

<sup>78</sup> Tradução nossa. No original: “*in Gott vorgebildet sein muß*”. *Ibidem*, p. 224.

<sup>79</sup> AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia: Teologia, Deus, trindade*. Volume 1: I parte: Questões 1-43. Trad. Aldo Vannuchi *et alli.*. São Paulo: Loyola, 2016, p. 177-178.

<sup>80</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 229.

<sup>81</sup> BÍBLIA, português. *A Bíblia De Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 106.

“entes finitos<sup>82</sup>”, comparando a “relação do Criador com a criação<sup>83</sup>” e aprofundando a reflexão sobre a “relação das pessoas divinas entre si<sup>84</sup>”. A filósofa aborda a questão da “vida interior divina<sup>85</sup>” para esclarecer “a relação entre o ser incriado e o ser criado<sup>86</sup>”, mas percebe a importância de aprofundar o significado da “Trindade” (“*Dreipersönlichkeit*”) nesta relação “entre o ser eterno e o ser finito<sup>87</sup>” que se manifesta na criação<sup>88</sup>. Neste itinerário intelectual, ela parte dos referenciais aristotélicos e tomasianos para esclarecer e distinguir conceitos como “ser eterno e ser temporal, ser essencial e ser real, ser real e ser possível, forma e conteúdo<sup>89</sup>”. Desta forma, partindo dos conceitos ontológicos, em diálogo com os pensamentos de Aristóteles e Tomás de Aquino, Edith Stein estabelece raciocínios analógicos no âmbito teológico, relacionando a criatura e o criador. A partir dessa busca ontológica inicial, a pensadora passa às considerações sobre as *Sagradas Escrituras* para analisar como a “imagem de Deus<sup>90</sup>” aparece na criação, observando essa semelhança nos “espíritos puros criados<sup>91</sup>”, nas “criaturas inferiores<sup>92</sup>” e no ser humano inteiro, considerado como imagem divina.

### Considerações Finais

Neste diálogo entre o pensamento de Tomás de Aquino e a fenomenologia, como pode ser exemplificado no ensaio sobre “a fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino: ensaio de um cotejo<sup>93</sup>” em 1929. A posição pessoal da filósofa surge da reflexão sobre o sentido da “Verdade”, que não é conhecida apenas pela razão. Por exemplo: se a metafísica busca compreender a realidade como um todo, também deve

---

<sup>82</sup> Tradução nossa. No original: “*endlichen Seienden*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 229.

<sup>83</sup> Tradução nossa. No original: “*Verhältnis des Schöpfers zur Schöpfung*”. *Ibidem*, p. 229.

<sup>84</sup> Tradução nossa. No original: “*Verhältnis der göttlichen Personen zueinander*”. *Ibidem*, p. 229.

<sup>85</sup> Tradução nossa. No original: “*innere göttliche Leben*”. *Ibidem*, p. 229.

<sup>86</sup> Tradução nossa. No original: “*das Verhältnis des unerschaffenen Seins zum geschaffenen Sein*”. *Ibidem*, p. 229.

<sup>87</sup> Tradução nossa. No original: “*ewigem und endlichem Sein*”. *Ibidem*, p. 232.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p. 234-236.

<sup>89</sup> Tradução nossa. No original: “*ewigem und zeitlichem, wesentlichem und wirklichem, wirklichem und möglichem Sein, Form und Inhalt*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 233.

<sup>90</sup> Tradução nossa. No original: “*Gottesbild*”. *Ibidem*, p. 290.

<sup>91</sup> Tradução nossa. No original: “*reinen Geister*”. *Ibidem*, p. 250.

<sup>92</sup> Tradução nossa. No original: “*niederen Geschöpfen*”. *Ibidem*, p. 290.

<sup>93</sup> STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Trad. Juvenal Savian Filho, Ursula Anne Mathias et alii. São Paulo: Paulus, 2019, p. 99-136.

incluir aspectos que se revelam nas *Sagradas Escrituras*, tornando-se uma filosofia cristã, pois aquele que crê não pode ignorar a sua fé<sup>94</sup>.

Analisando o pensamento de Tomás de Aquino, verificamos que Edith Stein encontrou ali uma obra onde pôde identificar a busca da verdade em uma perspectiva católica “por meio de análises rigorosas e das capacidades de organizar, avaliar, comparar e esclarecer os problemas referentes à fundamentação do conhecimento sobre o ser ou sobre o *actus essendi* (ato que está sendo)<sup>95</sup>”. Refletindo sobre a relação entre o ser eterno e o ente criado conforme o Aquinate, percebemos elementos filosóficos e teológicos que serão retomados no pensamento de Edith Stein, a qual assume que o ato de ser não é absoluto no ente.

Seguindo Tomás de Aquino, Edith Stein também considera imprescindível que Deus conceda o ato de ser ao ente, que é aquilo que possui ser, refletindo sobre como Deus transcende todos os entes. A partir da obra tomasiana, pode-se partir da premissa de que Deus é o dispensador do ser ao ente e, até mesmo, aos entes incorruptíveis, não por causa da ação temporal, senão pelo fato de poderem ser extintos por Deus, tem uma existência “efêmera”. Logo, só Deus é eterno, mas, na criação, finitude e infinitude relacionam-se de alguma maneira:

A ação de Deus não tem nem princípio nem fim, subsiste desde a eternidade até a eternidade, repousa na imutabilidade mesma de seu ser, como afirma Stein, ‘Deus está necessariamente no ato’. Não existe nada em que não seja ato: é ato puro. Por isso o ato de Deus não pressupõe nenhuma potência prévia, não tem necessidade de nenhuma faculdade passiva que exija ser posta em movimento. No entanto, tão pouco a potência ativa que possui Deus subsiste separadamente ou fora do ato: suas faculdades e seu poder repercutem no ato. Certamente sem a relação com o mundo exterior – na criação e na conservação e a organização do mundo criado – na realidade a potência não é maior que o ato, não existe potência não atualizada, porque a autolimitação da potência em seu efeito tinha o exterior e em si um ato e é a explicação do poder. ‘A potência de Deus é una, seu ato é uno, e no ato a potência está eternamente atualizada’<sup>96</sup>.

Seguindo Tomás de Aquino, no contexto de sua vivência católica e carmelitana, Edith Stein assumiu a verdade como o ponto de partida do seu pensamento, indo além do seu pensamento fenomenológico inicial<sup>97</sup>: “Ela considera que, se a investigação tem como fim a verdade, qualquer contribuição, venha de onde vier, deve ser considerada válida...

---

<sup>94</sup> ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998, p. 316.

<sup>95</sup> SBERGA, Adair A. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 25.

<sup>96</sup> AZEREDO, Jéferson L. Edith Stein: concepções de ser finito e ser eterno, significados e manifestações. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 2, jul./dez. 2011, p. 137-138.

<sup>97</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 226.

Uma pesquisa desse tipo não é, certamente, pura<sup>98</sup>”. Na obra do Aquinate, a filósofa buscou outro sentido para a sua investigação filosófica e, até mesmo, elementos para uma “filosofia da vida<sup>99</sup>”, o que vai ao encontro do contexto de sua época que enfatizava a importância do pensamento tomista na formação católica: “O que interessava não era tomar posição sobre questões propriamente filosóficas, nem impor a adesão a teses particulares; o objetivo do Magistério era, e continua a ser, mostrar como São Tomás é um autêntico modelo para quantos buscam a verdade<sup>100</sup>”.

Se a “Verdade” tornou-se o ponto de partida para Edith Stein, seguindo o exemplo de Tomás de Aquino, entender e aprofundar os sentidos filosóficos e teológicos dos conceitos que surgiram nessa busca profunda, como “ser”, “ente”, “eternidade” e “analogia”, moldando uma trajetória intelectual que relacionou essa “Verdade” com o ser e Deus<sup>101</sup>: “à luz da Verdade Eterna, o intelectual adquire a ideia exata de seu intelecto. Percebe que as Verdades mais sublimes e derradeiras não são desvendadas pelo intelecto humano<sup>102</sup>”.

Ao utilizar o conceito tomasiano de “*analogia entis*” para analisar a relação entre o ente e o ser, Edith Stein não faz apenas uma extrapolação do ente finito para o ser eterno, “mas legítima – e torna metodologicamente necessária – a aplicação do conceito comum de ser a dimensões diferentes, sem fazê-las ruir<sup>103</sup>”. Contudo, ao analisar como isto se manifesta na “vida espiritual<sup>104</sup>”, Edith Stein<sup>105</sup> encontra um limite e precisa ir além do pensamento tomasiano propriamente dito, incluindo Agostinho de Hipona (354-430) neste diálogo com Tomás de Aquino, ao perceber, nas *Sagradas Escrituras*, afirmações “que superam a compreensão analógica fundada na relação do ente ao ser<sup>106</sup>”.

---

<sup>98</sup> ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998, p. 315.

<sup>99</sup> Cf. UWE MÜLLER, Andreas; AMATA NEYER, María. *Edith Stein: vida de una mujer extraordinaria*. Trad. Constatino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2004, p. 187.

<sup>100</sup> JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica “Fides et Ratio”*: sobre as relações entre fé e razão. Trad. Libreria Editrice Vaticana. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998a, p. 78.

<sup>101</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 227.

<sup>102</sup> STEIN, Edith. *Na força da cruz*. Trad. Hermann Baaken. 3. ed. São Paulo: Cidade Nova, 2007a, p. 58.

<sup>103</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 22.

<sup>104</sup> Tradução nossa. No original: “*Geistesleben*”. STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 290.

<sup>105</sup> STEIN, Edith. *Ibidem*, p. 291-297.

<sup>106</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 29.

Assim, Edith Stein assimila interiormente, de uma maneira viva<sup>107</sup>, o pensamento de Tomás de Aquino, procurando ir além e passando da ontologia propriamente dita para uma “ontologia relacional ou uma ontologia da pessoa<sup>108</sup>”, coerentemente com sua concepção antropológica<sup>109</sup>. Edith Stein, como pensadora católica, de formação fenomenológica, abre-se para a questão do ser finito e do ser eterno<sup>110</sup>, no contexto da primeira metade do séculos XX, dialogando com Tomás de Aquino e, na sequência com Agostinho de Hipona, para ir além<sup>111</sup> e desenvolver um pensamento original que continua influenciando aqueles que buscam desenvolver uma “filosofia cristã<sup>112</sup>”.

## Referências

ALES BELLO, Angela. Edith Stein (1891-1942): Filosofia e Cristianismo. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino (org.). *Deus na filosofia do século XX*. Trad. Roberto L. Ferreira. São Paulo: Loyola, 1998, p. 313-322.

AQUINO, Tomás de. *O poder de Deus: Questões disputadas sobre o poder de Deus 1-3., questões 4-6*. Trad. Paulo Faitanin, Bernardo Veiga e Roberto Cajaraville. Campinas: Ecclesiae, 2013.

AQUINO, Tomás de. *A criação, a conservação e o governo do mundo: Questões disputadas sobre o poder de Deus 4-6*. Tradução de Paulo Faitanin, Rodolfo Petrônio, Bernardo Veiga e Rafael N. Godinho. Campinas: Ecclesiae, 2014.

AQUINO, Tomás de. *Deus Uno e Trino: questões disputadas sobre o poder de Deus 7-10*. Trad. Paulo Faitanin, Bernardo Veiga, Gerson Stumbo, Roberto Cajaraville e Rafael N. Godinho. Campinas: Ecclesiae, 2018.

AQUINO, Tomás de. *Quaestiones disputatae de veritate a quaestione II ad quaestionem IV*. Textum adaequatum Leonino 1970 edito ex plagulis de prelo emendatum ac translatum a Roberto Busa, S.J., in taenias magneticas denuo recognovit Enrique Alarcón atque instruxit. Disponível em: <https://www.corpusthomicum.org/qdv02.html#51>. Acesso em 10 mar. 2023.

AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios I*. Trad. Joaquim F. Ferreira. E Eliane da Costa Nunes Brito (assistente). São Paulo: Loyola, 2015.

---

<sup>107</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b, p. 17.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 25.

<sup>109</sup> FARIAS, Moisés R.; VARGAS, Carlos E. de C. *Edith Stein: ética, empatia e mística*. São Paulo: Loyola, 2022.

<sup>110</sup> STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. ESGA: 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b.

<sup>111</sup> GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 25-30.

<sup>112</sup> VARGAS, Carlos. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 227.

AQUINO, Tomás de. *Suma contra os gentios II*. Trad. Maurílio José de Oliveira Camello. São Paulo: Loyola, 2015.

AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia: a criação, o anjo, o homem*. Volume 2. Parte I – Questões 44- 119. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

AQUINO, Tomás de. *Suma de teologia: teologia, Deus, trindade*. Volume 1: I parte: Questões 1-43. Tradução de Aldo Vannuchi et al. São Paulo: Loyola, 2016.

AQUINO, Tomás de. *Verdade e conhecimento: questões disputadas sobre a verdade, sobre o verbo e sobre a diferença entre a palavra divina e a humana*. Tradução de Luiz Jean Lauand e Mário Bruno Sproviero. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcos Marcionilo. Bilíngue. São Paulo: Loyola, 2002.

AZEREDO, Jéferson L. Edith Stein: concepções de ser finito e ser eterno, significados e manifestações. *Revista Caminhando*, São Bernardo do Campo, v. 16, n. 2, jul./dez. 2011, p. 127-141. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/2539>. Acesso em 20 fev. 2023.

BÍBLIA, português. *A Bíblia De Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2008.

BOÉCIO. *A consolação da filosofia*. Trad. Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

DA SILVA, Pedro R. F.; MELO VIEIRA, Sadoque L. Os fundamentos metafísicos de Tomás de Aquino a partir da obra de ente et essentia. *Seara Filosófica*, Pelotas, n. 22, Verão/2021, p. 14-30.

DUBRA, J. A. Castello. Necessidade e contingência do efeito da causa primeira: uma comparação entre Tomás de Aquino e Avicena. In: *Revista dois pontos: Necessidade e contingência na Filosofia Medieval*. Luiz Damon Santos Moutinho e Alfredo Storck (organizadores). Curitiba/São Carlos, v. 7, n. 3, p. 69-94, abril de 2010.

FARIAS, Moisés R.; VARGAS, Carlos E. de C. Análise fenomenológica da empatia na perspectiva do desenvolvimento de uma filosofia da pessoa humana. *Steiniana*, Santiago, vol. II, n. 2, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/Steiniana.2.2018.1>. Acesso em 20 jan. 2019.

FARIAS, Moisés R.; VARGAS, Carlos E. de C. *Edith Stein: ética, empatia e mística*. São Paulo: Loyola, 2022.

FERREIRA, António Gomes (organizador). *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Editora Porto, 1997.

FRAILE, Guilherme. *Historia de La Filosofia: II. El Judaísmo Y La Filosofía*. El

Cristianismo y La Filosofía. El Islam y La Filosofía. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1960.

GERL-FALKOVITZ, Hanna-Barbara. Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles. Trad. Juvenal Savian Filho. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 11-30.

HUGHES, Christopher. *On a Complex Theory of a Simple God: An Investigation in Aquinas' Philosophical Theology*. Cornell University Press, Ithaca and London, 1989.

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta Encíclica "Fides et Ratio"*: sobre as relações entre fé e razão. Trad. Libreria Editrice Vaticana. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1998a.

MATHIAS, Ursula Anne. Apresentação. In: STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. São Paulo: Paulus, 2019, p. 47-54.

PEDRA, José Alberto. *Edith Stein: uma santa em Auschwitz*. Curitiba: Rosário, 1998.

SANCHO FERMÍN, Francisco J. *100 Fichas sobre "Edith Stein"*. Avessadas: Edições Carmelo, 2008.

SANTOS, Ivanaldo. O tomismo fenomenológico de Edith Stein. *Notandum*, Porto, 30 set-dez 2012, p. 101-107. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/101-107Ivanaldo.pdf>. Acesso em 06 ago. 2019.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Experiência mística e filosofia em Edith Stein. *Kairós - Revista Acadêmica da Prainha*, Ano VIII/2, Jul/Dez 2011, p. 175-178.

SBERGA, Adair A. *A formação da pessoa em Edith Stein*. São Paulo: Paulus, 2014.

STEIN, Edith. *Na força da cruz*. Trad. Hermann Baaken. 3. ed. São Paulo: Cidade Nova, 2007a.

STEIN, Edith. Ser finito y ser eterno: ensayo de una ascensión al sentido del ser. In: STEIN, Edith. *Obras Completas*, vol. III: Escritos Filosóficos: Etapa de pensamiento Cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD, et alii. Org. Julen Urquiza y Francisco Javier Sancho. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2007b.

STEIN, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Trad. Juvenal Savian Filho, Ursula Anne Mathias et alli. São Paulo: Paulus, 2019a.

STEIN, Edith. *Endliches und ewiges Sein: Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Seins*. 1936. 402 p. Edith Stein – Gesamtausgabe: ESGA, 11/12. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019b. Disponível em: [https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/11\\_12\\_EdithSteinGesamtausgabe\\_EndlichesUndEwigesSein.pdf](https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/11_12_EdithSteinGesamtausgabe_EndlichesUndEwigesSein.pdf). Acesso em 11 fev. 2023.

STEIN, Edith. *Selbstbildnis in Briefen I* (1916-1933). ESGA: 2. Köln: Karmelitinnenkloster Maria vom Frieden, 2019c, p. 56-57. Disponível em: [https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/02\\_EdithSteinGesamtausgabe\\_SelbstbildnisInBriefen\\_I\\_1916\\_1933.pdf](https://archiv-edith-stein.karmelitinnen-koeln.de/wp-content/uploads/2014/10/02_EdithSteinGesamtausgabe_SelbstbildnisInBriefen_I_1916_1933.pdf). Acesso em 11 mar. 2023.

URKIZA, Julen. Nota Introdutoria. In: STEIN, Edith. *Obras Completas*, vol. III: Escritos Filosóficos: Etapa de pensamiento Cristiano: 1921-1936. Trad. Alberto Pérez, OCD, et alii. Org. Julen Urquiza y Francisco Javier Sancho. Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad, 2007, p. 225-236.

UWE MÜLLER, Andreas; AMATA NEYER, María. *Edith Stein: vida de una mujer extraordinaria*. Trad. Constatino Ruiz-Garrido. Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2004.

VARGAS, Carlos E. de C. A clarificação fenomenológica de Edith Stein: ponte epistemológica entre a antropologia filosófica e a teologia simbólica. *Interações - Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 165-181, jul./dez. 2012.

VARGAS, Carlos E. de C. *Origens da Fenomenologia: sobre o desenvolvimento inicial da filosofia husserliana*. Multifoco: Rio de Janeiro, 2018.

VARGAS, Carlos E. de C. *Para uma filosofia husserliana da ciência*. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

VARGAS, Carlos E. de C. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, jul./dez. 2021, p. 212-232.